



EVASÃO DOS EMIGRADOS CHINS DE MACAU, A 2 D'ABRIL DE 1857.

W. ROYD AND.

FUGA DE EMIGRADOS CHINS.

Os chins são o povo que melhor resiste a todos os trabalhos, e ás diferentes alterações dos climas; por essa razão, os hespanhoes nas Philippas, os hollandezes nas ilhas de Sonda, e os inglezes na India, na Australia, e no estreito de Malaca, procuram attrahil-os ás suas possessões.

Em resultado formam-se grandes colonias, que, com a ambição das riquezas que suppõem ganhar em paizes desconhecidos para elles, se captivam por certo praso de tempo. Mas soffrem pessimo tratamento, sendo encerrados em depositos que mais parecem prisões, e onde tudo falta. A 2 de Abril do anno passado, uma d'estas colonias, composta de duzentos e cinquenta chins, tendo disposto com antecedencia os meios d'evasão, fugiu, ás cinco horas da manhã, antes de haver tempo de dar as providencias.

A estampa junta mostra a precipitação e desordem da fuga.

VIAGEM AO MINHO.

SEGUNDA PARTE.

(1855.)

Continuação.

CAPITULO VII.

Dá Deus nozes a quem não tem dentes. — Aspecto do paiz. — O caminho atravez do jardim. — Villa Nova da Telha. — D. Pedro IV e o peixe dos quatro FF.

Quando se viaja em Portugal, para qualquer lado que se voltem os olhos, sente-se uma impressão de profunda tristeza ao ver o abandono em que tudo jaz, o pouco ou nada que se tem feito, em relação á marcha constante da civilização, e o muito que resta a fazer para que nos não chamem barbaros alguns estrangeiros, mais barbaros ás vezes do que nós, que por acaso se aventuram ao interior da nossa terra. Não ha n'este paiz um só bocado de chão que não seja susceptivel de cultivar-se, e de pagar com uma rica producção o trabalho do agricultor; as proprias charnecas do Alemtejo, consideradas pelos antigos çafaras e estereis, podem tornar-se, com algum trabalho, fontes de riqueza publica, se houver um dia um governo zeloso da sua patria que mande fazer nos nossos campos o que fez a Lombardia nos seus montes. Em quasi todas as provincias portuguezas abunda a agua, em algumas contam-se aos milhares as fontes, e não ha em todo o paiz um palmo de terra que seja regado por irrigação! Muitos campos duplicariam o seu producto se a industria agricola não estivesse ainda na infancia entre nós. O lavrador portuguez, com rarissimas excepções, se progride é por instincto. No Minho, a que varios corographos dão vinte e seis

mil fontes, que tem uns poucos de rios caudalosos, e immensos riachos que conservam agua até nos maiores calores, succede o mesmo que nas outras partes do reino. Só nos annos de grandes seccas é que um ou outro proprietario, aterrado pelo aspecto dos seus milhos, morrendo de sede á beira das fontes, se dá ao penoso trabalho de mandar conduzir alguns baldes d'agua para orvalhar as folhas meio calcinadas das plantas. Em alguns sitios encontram-se muitos campos divididos ao meio por uma pequena valla, e alguns cortados em cruz; mas não se julgue que isto seja encanamento d'aguas para as regas; são escoadoiros para dar vasão ás aguas da chuva, e aproveitam-se no verão para crear herva para os gados, quando faltam outros pastos em consequencia de se acharem lavradas todas as terras. Só a agua que inunda as estradas antigas, aproveitada, bastaria para fertilisar leguas de terra inculta ou quasi improductiva agora. E note-se que esta provincia, a que se chama com razão o jardim de Portugal, é de todas a mais cultivada, e a que mais se presta tambem a toda a qualidade de experiencia agricola. Se ella pertencesse a uma nação mais cuidadosa de augmentar a sua riqueza, se se tivesse curado mais da instrucção dos seus habitantes, se lhes tivessem ensinado o proveito que se pode tirar d'este solo abençoado, talvez que bem poucos paizes do mundo podessem rivalisar com ella. Mas comnosco se realisa o rifão de que dá Deus nozes a quem não têm dentes.

Logo á saida do Porto o aspecto do paiz é d'uma belleza admiravel. A natureza parece estar sorrindo da incuria e desmazelo dos homens. O campo que deixa de lavrar-se não fica menos bello do que os outros, cobertos pela verdura das sementeiras. No meio d'esses tapetes verdes, fructos da industria humana, surgem os prados de flores, que Deus faz brotar da terra abandonada pelo agricultor indolente. O chão despresado sustenta os rebanhos do ocioso. A herva é de mil côres, e não lhe faltam os perfumes da violeta silvestre, da bonina, e da verbena dos campos. Que admira que se encontre um povo de poetas n'um paiz onde os gados comem flores? Porque no Minho todos são poetas, como eu mostrarei mais adiante. A estrada não lhe falta senão ser estrada, para se dizer com verdade, que é o caminho de um jardim. E' de barbaros e de selvagens o despresar tanta formosura!

As paredes dos campos são baixas e de pedra solta; as que seguem aos lados da estrada estão cobertas de floridas madre-silvas, de hera, e de silvas carregadas de florinhas multicôres, e de roxas amoras. Nas proximidades das povoações encontram-se as herdades, as quintas de recreio com seus altos muros de barro, ou de pedra calcarea. Do alto d'estes se debruçam para a estrada bosques de roseiras e de hortensias; ao pé das casas os muros tomam as formas de alegretes, e entre as rosas e as horten-

sias florecem os cravos, os goivos e as maravilhas, ou algumas fuxas e geranios, segundo o gosto mais ou menos aristocratico do proprietario jardineiro. O que se pode affirmar sem receio de ser desmentido, é que se não encontra uma unica habitação, por mais humilde que seja, que não tenha flores. De vez em quando passamos um bosque de sobreiras magestosas, ou de carvalhos seculares; mais adiante passa-se meia legua de caminho, em que se não vêem de um e outro lado senão castanheiros, cujas folhas se confundem com as das vides que n'elles se enroscam; e d'entre as ramas se vêem pender os cachos do fructo (ainda verde) de que se extrahê o famoso licor que tentou, segundo é fama, a um deus e a um santo (Bacho e S. Martinho). Depois atravessamos um pinhal magnifico, onde se vêem passar bandos de gayos e de pegas, e se ouvem os eccos do machado e os cantos, nem sempre tranquillizadores, d'um rachador invisivel. Além, um rio bordado de salgueiraes e vimeiros, onde assobia o melro, e canta o rouxinol e a tutinegra; repentinamente, uma clareira com dois ou tres campos cobertos de floreatos pastos, onde zumbem milhões d'insectos e se ouve a voz sonora e argentina d'uma gentil ceifeira, enchendo de harmonias delectosas o campo e a selva; uma aldêa formosissima, uma floresta, uma povoação historica, e sempre verdura, sempre fontes ou rios de agua cristalina, sempre flores de um e outro lado e.....

E como cuida o leitor que é o trilho d'estes poeticos sitios? Eu lh'o digo. A' saída da cidade eterna acha-se uma rampa calçada de pedra com todos os indicios de que vae principiar ali uma estrada. Conheço-a assim desde que me entendo. Depois, o viajante que percorre estas quasi ignoradas paragens tem de atravessar um lameiro, que tomará apenas duzentas braças de caminho; mais adiante passa-se uma povoação cujas casas são, pela maior parte, edificadas n'uma estrumeira; entra-se em seguida n'um rio, o qual corre mais de uma milha no leito da estrada; mais adiante outra estrumeira, outro lameiro, e outro rio; depois outra estrumeira, outro lameiro, e outro rio; depois outra estrumeira, outro lameiro e outro rio; e, para variar, muitos atoleiros, ou olhos marinhos, onde se pode sumir um porco, e onde não é raro sumirem-se as pernas do cavalleiro e a barriga do cavallo, ou do macho, que nem sempre se pode retirar depois sem auxilio! — Tal é a estrada que conduz do Porto á Povoá de Varzim, atravessando cinco leguas de terreno fertilissimo, povoadas por mais de vinte mil habitantes, que, sem duvida por ironia, a têm bordada de verdura e de flores, em toda a sua extensão!

Porque não terão feito os povos d'estas localidades o mesmo negocio que fazem os de outras com os governos, em epochas eleitoraes? Na minha qualidade de seu compatriota, aconselho-os a que, quando lhe pedirem o seu voto para os candidatos de qualquer partido, exijam

uma estrada, e não vão á urna senão depois de começados os trabalhos d'ella e depositado o dinheiro; alias serão logrados.

Chegámos a Villa Nova da Telha ás oito horas da manhã. Villa Nova é uma povoação que o mau estado dos caminhos impede de florecer, mas que certamente virá a ser uma excellente villa, quando elles melhorarem. Existe aqui um grande largo onde, dizem os habitantes do logar, manobrou o exercito libertador commandado pelo duque de Bragança; e diz-se mesmo que houve uma escaramuça n'este campo da villa, entre os liberaes e os realistas.

Entrámos na estalagem que nos pareceu menos frequentada, por suppormos que ali nos dariam melhor almoço do que na outra, onde se viam as entradas impedidas por vinte ou trinta machos e uma duzia de gritadores almoceves. Junto da porta principal, dentro de uma enorme sartã, que tinha por baixo um excelente brazido, chiava o azeite onde sobrenadavam seis fanecas de razoavel grandeza, as quaes exhalavam um cheiro capaz de seduzir o gato mais cortez e menos gulotão de todo o pajiz. Meu irmão, apenas viu aquelle peixe, que até certo ponto é nosso compatriota, e que havia muitos annos que não provavamos, começou a notar-me, com visivel inquietação e interesse, que uma das ditas fanecas ia queimar-se, por não haver quem a voltasse na frigideira. Eu sentei-me, rindo da observação, diante de uma taboa comprida, que servia de mesa; e creio que se não acode a cosinheira tão depressa meu irmão tiraria o peixe do lume, para que se não queimasse. Tal era o profundo horror que lhe inspirava uma faneca torrada!

Perguntámos o que havia para se almoçar. « Peixe imperial, meus senhores, o peixe dos quatro FF. »

— Que diabo quer isso dizer? Dê cá aquellas fanecas, e diga o mais que tem.

« Vejo que os senhores são de fora? . . . São brasileiros, talvez? . . . Deus os accrescente! e os traga em bem, para alegria das suas mães-nhas! . . . Pois, senhor, o peixe dos quatro FF é o mesmo que os senhores pedem, e como não sabem o que aconteceu com o imperador. . . »

— Mas, meu caro amigo, nós temos pressa; queremos chegar á Povoá antes do meio dia e...

« Ora, teem muito tempo. . . até para ir a duas Povoas! Pois imaginem os meus fidalgos, que estamos em. . . o anno não faz nada ao caso; foi sete mezes antes de eu casar com a Josefa, e um anno antes de nascer a Domingas. Chegaram aqui as tropas que vinham do Mindello com o senhor D. Pedro, e começaram, ali no largo, a fingir uma batalha. Depois vieram os outros, e a coisa pegou a valer! . . . Por fim, disseram que o senhor D. Pedro tinha ficado de cima. Eu não pude ir ver, porque o meu patrão não saiu e cá em casa não havia mais ninguem senão eu, para vender. Ao cair da tarde, entrou aqui um militar de barbas grandes, e per-

guntou-me se tínhamos alguma coisa para a sua ceia. Eu respondi logo: « Temos o peixe dos tres FF, patrão. » « Que vem isso a ser? perguntou elle. » E' faneca, fresca, e frita. — O militar olhou para mim, como se não percebesse; riu-se, e pediu que lhe fizesse uma chicara de café. Comeu um rabo de faneca, bebeu o café, e metteu a mão no bolso para pagar. Então é que foram as dôres, porque elle fez-se amarello, e disse-me, meio a rir, que accrescentasse outro F na faneca, que vinha a ser—fiada.—Eu ia desandar-lhe um soco, e gritar: — pega que é ladrão! — quando elle me deitou uns olhos, que, só de os ver, sumi-me logo atraz do balcão, sem lhe dizer mais palavra. A este tempo chegou o patrão e eu mostrei-lhe o official que estava já na rua, e disse-lhe o que se tinha passado, accrescentando que se elles cá vinham para comer e não pagar, que podiam muito bem deixar de vir. O patrão deu-me um pontapé, e chamou-me cavalgadura: mas d'ahi a um quarto de hora é que foi o bonito! O official voltou, e perguntou-me se eu era o dono da casa; respondi-lhe que não, porém que era a mesma coisa, porque estava para casar com a Josefa, que era filha do patrão. E como desconfiei que elle se teria escandalisado pelos modos que lhe mostrei, quando deixou de pagar a sua ceia, e que viria com a intenção de me bater, ou fazer outro qualquer maleficio, disse-lhe, que se queria mais alguma coisa que podia dizel-o, que não importava o elle não ter dinheiro n'aquella occasião, porque depois pagaria quando quizesse, ou quando por aqui tornasse a passar.

« Amigo, me disse elle; eu nunca mais torno a passar por aqui, porque levo tenção de não voltar para traz; mas agradeço-te a franqueza e como vaes casar-te ahi tens para comprares uns brincos á tua noiva. Eu sou pobre hoje, e por isso te não posso dar mais; adeus. » — Deu-me duas peças em oiro, e abalou. D'ahi a bocado começaram a mover-se as tropas, que tinham estado acampadas no largo, e pozeram-se em marcha para as bandas do Porto. Eu estava aqui, encostado a esta mesma porta, quando de repente vejo um official a cavallo, no meio de outros muitos, que lhe fallavam com grandes signaes de respeito. Era elle, o homem das fanecas fiadas. Ao passar diante de mim, acenou-me com a mão em signal de despedida; os outros officiaes olharam admirados para o meu lado, e todos me tiraram os seus chapéos. Fiquei de bocca aberta, e a gente da terra ainda mais. O militar das barbas grandes era o imperador! — D'ahi em diante nunca mais chamei á faneca senão *peixe imperial*, ou *peixe dos quatro FF*, em memoria das primeiras duas peças que possuí na minha vida.

Verdadeira ou não, o homem contou a sua historia com certa simplicidade, e muito melhor do que eu a escrevo, em quanto a Domingas, mocetona de dezenove ou vinte annos, que lhe

chamava pae, nos serviu as deliciosas fanecas e uma infusa de vinho verde. Perguntei ao estalajadeiro se não tinha tornado a ver o rei soldado, e elle respondeu-me que fôra duas vezes ao Porto para esse fim, mas que o não conseguira.

A faneca é inquestionavelmente um peixe delicioso para se comer frito, quente, e n'uma aldeia do Minho. Por isso não admira que o proprio duque de Bragança pagasse uma por duas peças de oiro.

GOMES DE AMORIM.

A BATALHA DE ALCACER-QUIBIR

E A PERDA D'EL-REI D. SEBASTIÃO.

Conclusão.

Se Francisco Aldana, que era pessoa muito acceite a Filippe II, veio ao exercito com o intuito de comprometter D. Sebastião, promovendo os interesses de seu amo, empenhado no pensamento de reunir Portugal ás suas vastas possessões, por pouco tempo se gosou da sua obra, porque tambem foi um dos que se perderam n'esta fatal jornada.

Frei Bernardo da Cruz tambem parece hesitar na crença de que D. Sebastião morresse na batalha, escrevendo o seguinte: « el-rei D. Sebastião que não procurou remedio de se salvar, depois de toda a batalha perdida, o viu o visconde Luiz de Brito caminhar para o rio, no cabo da batalha, aonde depois foi achado morto: mas por não haver quem soubesse do genero da sua morte presumem alguns que foi captivo: e por desavença de quem o levaria, o houveram de matar: outros presumem que querendo-o despir, resistiu e se defendeu, té sua morte, por conservar a natural honestidade, que sempre teve, que não consentia que nenhum criado seu por familiar que fosse o visse despido: e elle por sua mão ordinariamente tirava as ceroulas, meias e calças. »

Jeronimo Franchi Conestaggio genovez, que segundo parece é o pseudonimo do conde de Portalegre, na sua obra « Del Unione del regno de Portogallo alla Corona di Castiglia » escripta em lingua italiana, conta por este modo a morte do rei:

« Muitos d'aquelles nobres que haviam ficado a cavallo, apenas viram o exercito em derrota andavam procurando o rei para o ajudarem a salvar-se, mas o estandarte que era arvorado em cima, pelo qual o conheciam, caira, tendo sido morto o individuo que o trazia, e enganados por um outro quasi semelhante que trazia Eduardo de Menezes seguiram este em vez d'aquelle, ficando o rei como perdido com alguns poucos dos seus fieis, e com um renegado que procurava salvar-o. Est'outro tendo tentado dar-lhe fuga aconselhando-o a render-se, e a entregar

as armas, e não querendo elle consentil-o, um dos companheiros alçou na ponta da espada um lenço branco em signal de paz, e andou para os moiros como orador dos outros para se render: mas aquelles, ou barbaros, ou indignados, prenderam o mensageiro, e caíram sobre os seus companheiros, os quaes, poucos e cansados, e com o animo perdido foram mortos, e alguns que-rem que sobre a própria pessoa do rei nascesse differença entre elles, e que por isso o mataram. O corpo foi mandado a percorrer o campo, e com notavel exemplo da instabilidade das coisas do mundo, levaram-no nu atravessado sobre um arção a tenda real de Moluco aonde apeado fizeram os moiros diligentemente reconhecer d'aquelles nobres que ali eram, e prestar fé authentica como era aquelle, fazendo-o guardar em Alcacer-Quibir.»

Escaparia D. Sebastião da batalha? Algum d'aquelles homens que appareceram embuçados em Arzilla seria o proprio monarcha? Resolver-se-hia elle a abdicar o throno, pungido pela vergonha do seu desbarato, e imporia a si proprio a penitencia de estar desterrado durante alguns annos de Portugal?

O problema está involvido nas sombras do mysterio: mas o que se não pode negar, é que a seita do *Sebastianismo* durou até quasi aos nossos tempos, e que nos primeiros annos d'este seculo José Agostinho de Macedo, movido pelas ordens do governo, escrevia um pamphleto intitulado — «Os sebastianistas» para combater a crença supersticiosa que se desinvolvia no meio do terror provocado pela invasão franceza.

Não ha idéa, por mais absurda, que não se torne mais ou menos util. O sebastianismo contribuiu evidentemente para tornar popular a revolução de 1640, e um trabalho historico interessante a escrever seria o de apreciar a influencia que essa seita exerceu, para animar o sentimento publico, durante a guerra que nos emancipou do dominio de Castella.

O conselho geral do santo-officio no anno de 1665 (este documento vem assignado por Pantaleão Rodrigues Pacheco, Diogo de Sousa, frei Pedro de Magalhães, Luiz Alvares da Rocha, Manuel de Magalhães de Menezes, D. Verissimo de Lencastre) viu-se obrigado a condemnar as trovas de Gonçalo Eannes Bandarra, fulminando-as n'estes energicos termos: «E considerando que outrosim nos corre a mesma obrigação de dar inteiro cumprimento ás resoluções tomadas n'este supremo tribunal pelos muito illustres senhores nossos antecessores, e mais precisamente ás ordens do summo pontifice e santa Sé Apostolica, nos chegou noticia com autoridade da devassidão e indiscreta curiosidade, com que se admitte a lição de umas copias estampadas e escriptas de mão, que contém estas trovas compostas por Gonçalo Annes Bandarra, sapateiro da villa de Trancoso, as quaes todos abraçam com geral applauso, e affecto particular, e muitos as veneram como prophcias certas e verdades evange-

licas, assim mudando-as cada um conforme seu gosto, e sua inclinação lhe outorgam, e fundando alguns sobre ellas, fabricas suas, escandalosas, e totalmente reprovadas de que pode resultar grandissima perturbação no temporal e no espiritual. E querendo-nos inteirar dos termos a que o santo-officio chegara, nos tempos atraz passados, n'esta mesma causa, sendo vivo o dito Gonçalo Annes Bandarra, mandámos prover o secreto da inquisição, e n'elle se achou um processo de que consta vir preso o dito Gonçalo Annes Bandarra da dita villa de Trancoso á inquisição d'esta cidade, havendo-se já antes apresentado voluntariamente, e confessado na mesa o concurso das pessoas da nação Hebraea, que recorriam a elle, inquirindo o sentido das ditas trovas, presumindo applical-o ao perverso e damnado intento de sua miseravel cegueira, esperando ainda pela vinda do Messias, e communicando-lhe alguns o abominavel livro do Thalmud, e consultando-o sobre a intelligencia de logares da sagrada escriptura, e resolução de duvidas que sobre ella lhes occorriam, sendo o dito Gonçalo Annes Bandarra idiota, que não tinha outra sciencia, que a lição de uma biblia, escripta em lingua vulgar. O qual depois de preso fôra examinado e processado, e se tomara ultimamente arresto, no qual se declarava ser o reo Gonçalo Annes Bandarra amigo de novidades e com ellas causar alvoroço nos christãos novos, escrevendo trovas que podiam ter ruim sentido, dando outrosim declarações a muitas autoridades da sagrada escriptura, e resposta a semelhantes perguntas, sendo homem sem letras, e que não carecia de suspeita na fé. E fôra mandado fazer certas declarações sobre as ditas trovas, conforme a um apontamento que se lhe dera, e termo por elle assignado, que d'ali por diante se não intrometteria mais em semelhantes materias, sob pena de ser gravemente castigado: e se prohibisse a lição das ditas trovas, e que os que as tivessem em seu poder, fossem obrigados a apresental-as na inquisição em termo de tres dias. Do qual assento se formara sentença que se publicou em presença do reo Gonçalo Annes Bandarra no auto publico de fé, que se celebrou na ribeira d'esta cidade, sendo inquisidor geral o serenissimo infante D. Henrique.»

Este documento de que extrahimos a parte essencial revela claramente como se havia tornado geral a crença na vinda do Encoberto e como o nome de Gonçalo Annes Bandarra, associando-se ás loucas esperanças da milagrosa apparição de D. Sebastião, promovia verdadeiro enthusiasmo entre as classes populares, incitando-as á resistencia contra os castelhanos.

Mais uma prova, entre muitas, de que os mais notaveis acontecimentos se inspiram ás vezes das mais ridiculas e insignificantes causas.

MARINHA PORTUGUEZA.

II

A nau Conceição.

Conclusão.

III

Mestre Antonio saiu propheta.

O vento estava bonançoso, e por isso se difficultavam os movimentos da nau *Conceição*; porém D. Luiz de Sousa ordenou que se rompesse o fogo sobre os navios inimigos, aos quaes, por aquelle mesmo motivo, bem podia pontear sem mudar de posição.

Responderam os turcos disparando toda a artilharia sobre a nau.

Era medonha a canhonada! Nuvens de fumo obscureciam o horisonte, apenas allumiado pelos successivos clarões da metralha!

O sangue corria a jorros a bordo da nau, porque ao fogo dos canhões se juntara o da fusilaria, tão perto estavam d'ella as embarcações turcas!

Uma das primeiras victimas foi o condestavel, que habilmente dirigia a artilharia; e o bravo D. Luiz recebeu duas feridas n'uma perna, o que, não lhe permittindo suster-se de pé, não obistou comtudo a que, deitado sobre uma caixa, continuasse a dar as vozes do commando com toda a serenidade de animo.

Era horroroso o fogo que a nau arrojava sobre a esquadra inimiga. As balas encadeadas, e alguns pés de cabra, fizeram-lhe tal destroço no apparelho que começou a afastar-se da nau.

Entre os inimigos havia um que tinha fama de ser o mais valente capitão de Argel. Era um renegado grego, por nome Açan-Arraes. Vendo este que o seu navio estava desarvorado, e em termos de ir a pique pelos muitos rombos que tinha, e muita agua que fazia, tomando do perigo conselho, abordou a nau, saltando dentro d'ella com a sua equipagem, que consistia em quatrocentos moiros escolhidos.

Aqui redobrou a peleja com desmedida furia. Estavam os turcos de posse do castello de proa, e ali tinham içado a bandeira encarnada que traziam, fazendo chover balas e frechas sobre os portuguezes que defendiam o convez, e a tolda.

Um renegado portuguez, natural de Setubal, a quem com justiça se podiam applicar aquelles versos de Camões

«Porque tambem entre os portuguezes
«Alguns traidores houve algumas vezes,»

trepou pela enxarcia do traquete, e cortou com uma machadinha todos os cabos da verga, a qual, na sua queda, esmagou quantos turcos apa-

nhou debaixo, caindo elle proprio victima do mal que nos queria fazer.

No entanto a mosquetaria portugueza não estava ociosa, e como os inimigos se achavam apinhados no castello, nenhum tiro se perdia.

Os que intentavam descer caíam mortos pelas balas.

Principiaram os turcos a fraquejar. Era valente a defesa da nau *Conceição*, e o esforço dos portuguezes não se podia exceder, porque sobre os perigos que as vidas corriam havia o empenho de salvar a honra da bandeira nacional.

A embarcação de Açan-Arraes fôra no entanto a pique, e quantos dos que a tripulavam tinham escapado das ondas estavam a bordo da *Conceição*.

Os outros vasos inimigos, cheios de terror pela valentia com que os portuguezes accommetteram, tinham-se afastado a respeitosa distancia.

Ficara assim desesperada a posição dos turcos que haviam a bordado a nau. Dizimados pela mosquetaria, desamparados da esperança de socorro, porque apesar dos acenos e signaes com que chamavam os seus, não se aventuravam elles a ajudal-os, viram-se os poucos que escaparam forçados a lançar-se ao mar, onde os escaletes os foram recolher.

Tinham sido accommettidos denodadamente pelos nossos; e se bem que por duas vezes, com o valor filho da desesperação, nos repelliram do castello que investiamos, não poderam á terceira resistir ao esforço com que foram atacados.

Esta façanha terminou por aquelle dia o combate.

Durou a batalha desde as sete horas da manhã, até ás seis da tarde.

Nos turcos foi grande a mortandade, porque além da que soffreram nos outros navios da esquadra por effeito da artilharia da nossa nau, só oito escaparam a nado dos quatrocentos que abordaram a *Conceição*, sendo um d'elles Açan, que conseguiu recolher-se a bordo de outro navio argelino.

Assim escarmentados, se afastaram para o mar, empregando-se cuidadosos em reparar as avarias da mastreação e apparelho, e em tapar os rombos das balas, porque alguns navios ficaram deitados á banda, e outros tiveram de armar pranchas nas portinholas.

Nós ficamos com todo o panno roto; as enxarcias e cabos de laborar cortados; as obras mortas da pópa desfeitas, e o costado crivado de balas, que pela maior parte ficaram enterradas na madeira, sendo mui poucas as que passaram dentro.

Lançaram-se ao mar os corpos dos valentes que succumbiram n'aquella tão horrorosa como desigual peleja; tratou-se do curativo dos feridos; e aproveitou-se a noite em reparar as avarias do apparelho, e em envergar novas velas, de modo que ao alvorecer estava a nau aparelhada, e intrincheirada, de sorte que se o vento fosse favoravel em poucas horas poderia entrar victoriosa no

porto de Lisboa ; porém sobreveiu calmaria, e tiveram de pairar até ao dia seguinte pela manhã, sem haverem vista de inimigos. Levantando-se, por fim, algum vento, mas contrario para demandar a barra, fundearam em frente de uma pequena praia junto á Ericeira, não só por lhes parecer boa para ancoradoiro, como também pela consideração de que com tão pouca gente não poderiam supportar novo combate sem que de terra os soccorressem.

Achava-se pois a tiro de canhão da Ericeira, e com as ancoras promptas a dar fundo, quando de terra se dirigiu para a nau um barco de vela, e chegando á falla, disse um dos homens que o tripulavam, que levavam ordem (ignora-se de quem) para a nau se fazer no bordo do mar, por ser perigosa aquella paragem ; e que logo encontrariam a esquadra de D. Antonio que os andava esperando. D. Luiz tentou então que o barco recolhesse as mulheres e creanças, e alguma da muita pedraria preciosa que trazia, pois já contava no bordo do mar encontrar o inimigo ; mas a gente do barco respondeu-lhe que trazia ordem, com pena de morte, para não atracar a bordo ; e mettendo de ló retiraram-se.

Houve de certo mais precipitação do que prudencia em D. Luiz seguir aquelle aviso. Virou no mar, e pelas oito horas da manhã do dia 11 de Outubro avistou outra vez os argelinos. Não procurou fugir-lhes o denodado capitão ; ao contrario, deu logo ordem para o combate, apesar da falta de gente para a peleja, e sobretudo de artilheiros.

A esquadra turca com a sua capitanea em testa de columna, e formada em linha, veiu com força de vela buscar a nau por barlavento ; e a capitanea, onde se arvorara uma bandeira branca, chegando a alcance, disparou um tiro sem bala, ao qual a nau *Conceição* logo respondeu rompendo vivo fogo sobre o inimigo.

A capitanea, seguindo o mesmo bordo, e virando depois sobre a nau, arreou a bandeira branca, carregou papafigos e cevadeira (manobra que os outros navios imitaram) e veiu buscando a nau um pouco ao largo no mesmo bordo e a barlavento ; e ao passar pelo seu travez disparou toda a artilharia e mosquetaria, ao que logo os portuguezes responderam de tal modo, que os navios turcos, que vinham navegando na esteira do seu general, puxaram a orça para barlavento ; porém Cara-Mustaphá novamente os metteu em linha.

Fez-se conselho entre os turcos, sendo o proprio general de opinião que se abandonasse a perseguição da nau, regressando a esquadra a Argel para dividir a presa de dezenove navios inglezes que n'uma só manhã tinham aprisionado, sem outro sacrificio mais do que um tiro de polvora secca. Estes navios já tinham sido expedidos adiante havia dois dias. Acan foi de aviso contrario, expondo como vergonha receiar-se a esquadra de uma nau, e encarecendo as riquezas que esta trazia, para assim excitar a cu-

biça dos companheiros. Chegou mesmo a offercer-se para a incendiar se d'outra forma não podesse ser tomada. Abbi, que era outro renegado grego, e commandante de um dos navios, apoiou este voto compromettendo-se a perder o seu navio e a propria vida no commettimento da empresa ; o que de facto lhe aconteceu.

Formou pois novamente o general turco a sua linha de batalha, repetindo também ainda outra vez os signaes que fizera á nau *Conceição* para render-se, pois a esquadra foi passando pela frente d'esta, a distancia de tiro, fazendo soar trombetas, e sem disparar os canhões. Desenganados de que assim não se assenhoreavam da presa, a capitanea virou, e veiu arribando sobre a nau, seguindo-se-lhe as outras embarcações na esteira, e tão chegadas que quasi se tocavam os laizes das vergas. Assim ia cada uma disparando a sua artilharia e mosquetaria, a que os nossos respondiam do mesmo modo.

O ultimo navio da linha era o de Abbi, que se aproximou tanto da alheta da nau *Conceição*, que o renegado pôde arrancar seu turbante, ensofal-o em aguardente e oleo de linhaça, e craval-o acceso, com a ajuda d'uma frecha, na lona alcatroada que servia de tecto ao jardim, como n'aquelle tempo se usava para reparo da chuva. Este acto de desmedido arrojo foi seguido de outros da mesma natureza, porque não cessavam de lançar sobre o convez e castello materias inflammadas que logo se apagavam. A desforra dos nossos não se fez esperar muito, porque tanto á queima-roupa lhe despedia seu fogo a nau *Conceição* que Abbi foi morto, e o navio despedaçado.

Diverso era, porém, o successo na pópa da nau. O fogo ateara-se ahi com grande furia : apesar dos promptos soccorros de agua, e da actividade empregada pelos carpinteiros em desfazer o jardim ; porque a nau para se desviar do navio de Abbi, com o qual estava enrascada, arribou em pópa, e o vento impelliu então as chammas pela camara dentro, propagando o incendio com tal intensidade que foi impossivel atalhal-o.

A guarnição começou a abandonar os postos e armas para acudir ao fogo. D'esta conjuntura se aproveitaram alguns turcos do navio dismantelado de Abbi para entrarem na nau ; e os portuguezes, vendo a impossibilidade de a salvar, foram-se passando para a embarcação que elles deixavam, e onde os escaleres da esquadra inimiga os vieram buscar. Em menos d'uma hora havia a nau ardido e sóra a pique sem que d'ella podessem os inimigos salvar coisa alguma, succedendo mesmo que d'estes os mais aguçados da cubiça encontrassem n'ella a morte, bem como os infelizes feridos que por esse estado não poderam sair d'ella.

Trazia a nau *Conceição* seis mil e oitocentos quintaes de pimenta, e vinha abarroada de fardos e caixaria com muita riqueza em dinheiro e pedraria. Tudo foi consumido pelo fogo, ou tragado pelas ondas !

Estava cumprido o prognostico de mestre Antonio, que não viu o fim á tragedia, porque uma setta o estendeu logo morto no convez. D. Luiz de Sousa pouco sobreviveu á perda da sua fortuna: tres dias depois falleceu das feridas tão honrosamente recebidas n'este combate de uma nau contra uma esquadra. Os que ficaram prisioneiros foram repartidos pelos navios inimigos, depois de despojados dos diamantes que levavam escondidos em si.

A historia gravou com o seu aprimorado buril esta brilhante façanha, que raras vezes poderá ser imitada.

O ENXOVAL DA INFANTA D. BEATRIZ, DUQUEZA DE SABOYA.

Continuação.

Roupa de linho lavrada.

Um travesseiro de hollanda, de duas varas e quarta de comprido, lavrado de seda carmesim; e quatro almofadinhas do mesmo panno e lavor.

Outro travesseiro, e quatro almofadinhas, e duas almofadas de camilha, as quaes peças são todas de hollanda, lavradas de oiro e seda de côres, de um teor, com seus botões.

Um travesseiro de hollanda, lavrado de seda preta, de um lavor de ramos, e pelo meio do lavor as cinco quinas em partes, com seus cordões da dita seda preta, em que se ata.

Outro travesseiro de hollanda, de um lavor largo de pontinhos, e umas cadanetas pela borda, na bocca, e pelo meio dos ditos labores ao comprido, o qual é lavrado de branco.

Mais um travesseiro de hollanda, bordado em bastidor de oiro e seda de côres, de duas larguras do panno, e de duas varas e meia de comprido; de um lavor de troços com alcachofras nas pontas, e pelas bordas do dito lavor um cordão grosso com umas flores, e outros troçoes de oiro delgados além d'estes. Mais quatro almofadinhas do dito panno e lavor, do teor d'este travesseiro.

Uma toalha de hollanda, da largura do panno, e de duas varas de comprido, bordada de bastidor com labores do teor do travesseiro atraz, largo nos cabos, e pelos comprimentos um cordão com muitas flores; e no meio da dita toalha um laço grande do mesmo teor bordado.

Mais uma toalha de hollanda, lavrada de oiro e seda de côres, de ponto real, de um lavor largo, e ao comprido estreito, e ao redor franja de oiro e branco, que tem de comprido vara e meia.

Outra toalha de hollanda lavrada de ponto real de oiro, prata, verde, e roxo, de um lavor largo, e ao redor uma franja estreita de oiro e retroz, e um lavor estreito, a qual tem de comprido uma vara e quarta.

Outra toalha de hollanda lavrada de oiro, prata, e seda de côres, de um lavor de ramos muito largo, e ao longo outro estreito, e ao redor franjada de oiro e côres, a qual tem de comprido vara e quarta.

Outra toalha de hollanda lavrada de oiro, prata, e seda, de um lavor de ramos como pennachos, e ao redor uma trança de oiro e carmesim; a qual tem de comprido uma vara escassa.

Outra toalha de hollanda lavrada de oiro, seda verde e carmesim, de um lavor de rodas como alcatifa, com franja de oiro e verde; a qual tem de comprido uma vara e quarta.

Outra toalha lavrada de oiro, e seda verde, azul, e encarnada, de lavor largo, e ao longo outro estreito, franjada de oiro e verde, que tem de comprido vara e quarta.

Outra com seu lavor largo de oiro, e seda roxa, azul, e verde; e ao longo seu lavor estreito, franjada de oiro e seda azul e roxa: tem de comprido uma vara e quarta.

Outra toalha de hollanda com seu lavor largo de oiro e seda roxa, azul, e verde, e outro lavor estreito pelos comprimentos, franjada de oiro e verde, que tem de comprido vara e quarta.

Outra toalha com seu lavor largo de oiro e seda parda, verde, e roxa; e ao longo lavor estreito, franjada de oiro e roxo; a qual tem o mesmo comprimento de vara e quarta.

Outra toalha de hollanda, lavrada de oiro e seda verde, azul, e carmesim, com seu lavor largo e estreito pelos comprimentos, franjada de oiro e carmesim; a qual tem vara e quarta de comprido.

Outra toalha de hollanda lavrada de oiro e seda verde e azul, de lavor largo com suas voltas de oiro e carmesim ao redor, franjada de oiro, verde, e roxo; tem uma vara e quarta.

Outra de lavor de oiro com as pernas, a saber: umas de seda azul, e outras de verde, com uns ramos ao longo de oiro e encarnado, sem franja: tem de hollanda uma vara e sesma.

Outra toalha de hollanda com um lavor largo de oiro, e seda azul, verde, e carmesim, de um lavor feição de cravos, com seu lavor estreito pelos comprimentos, franjada de oiro, e seda verde e roxa; tem de comprido uma vara e terça.

Outra toalha de hollanda, larga, de oiro e seda verde, azul, e carmesim, de um lavor de rodas, e dentro n'ellas leões de oiro, franjada de oiro, carmesim, e verde; a qual tem uma vara e terça mal medida.

Outra toalha de hollanda lavrada de oiro, e seda branca, verde, e carmesim, de um lavor largo, e outro estreito pelos comprimentos, franjada de oiro e carmesim; a qual tem um vara e quarta de comprido.

Continua.

No aviso publicado no n.º 46 faltou addicionar a comedia-drama em tres actos, Abel e Caim, por Mendes Leal Antonio, que tendo sido comprada pelo editor do *Panorama e Illustração*, e depois emprestada ao autor afim de tirar uma copia, este, abusando da boa fé, consta que a vendera a outra pessoa; e sendo isto um crime o editor do *Panorama* protesta perseguir nos tribunaes o culpado.